



CURSO SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL, ARQUEOLÓGICO E MUSEOLÓGICO EM GUARULHOS



**MÓDULO III - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
E PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS**

GUARULHOS, 2024

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 2 |
| Acordos Prévios..... | 4 |
| 1. Introdução à Museologia: do modelo colonial às estratégias contra-coloniais..... | 5 |
| 2. Museologia Social e Museologias Afirmativas..... | 7 |
| 3. Museografia: da curadoria à expografia..... | 8 |
| 4. Guarulhos e seus museus..... | 9 |
| 5. Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil..... | 13 |
| 6. Oficina: Acordando do ‘coma colonial’..... | 14 |
| 7. Patrimônios e presenças afro-indígenas em Guarulhos..... | 15 |
| 8. Presença nordestina em Guarulhos e a ocupação recente da cidade..... | 20 |
| Bibliografia do curso e indicação de leituras..... | 22 |

Introdução

Bem vindas/os/es ao Módulo III - Educação Patrimonial e Práticas Museológicas, do Curso sobre Patrimônio Cultural, Arqueológico e Museológico em Guarulhos, que objetiva o compartilhamento e diálogos sobre conceitos, contextos e metodologias de preservação do *patrimônio cultural brasileiro e guarulhense*, em sua correlação com grupos sociais, contextos territoriais e iniciativas museológicas (e afins), além de abordagens sobre instâncias, legislações e políticas públicas relacionadas ao campo da Museologia.

Para além do reconhecimento do valor patrimonial de aspectos culturais de diversas comunidades, reforça-se a necessidade de políticas públicas que promovam a educação patrimonial a partir de diferentes metodologias, abarcando de estudos teóricos a *experiências multissensoriais*, com foco nas práticas museológicas contemporâneas e na perspectiva da *museologia social*.

Considera-se a realidade Guarulhense, pois apesar de possuir a segunda maior população do estado de São Paulo, uma população bastante diversa, e ter em seu território um aeroporto internacional, o que faz com que inúmeras pessoas transitem pelo município, a gestão pública municipal parece não reconhecer o potencial cultural e turístico nele existente. Torna-se imprescindível a ampliação de diálogos sobre a realidade territorial, a ampliação da percepção sobre os povos, histórias, memórias e patrimônios locais, o compartilhamento de conhecimentos e metodologias utilizadas e desenvolvidas pela museologia para sua preservação e difusão e o reconhecimento e valorização dos *patrimônios museológicos ou musealizáveis* de Guarulhos, que evidencia a necessidade de efetivação de políticas públicas culturais e museológicas no município.

Como integrantes da população de um país que se conformou após séculos de *ocupação e exploração colonial*, cujas estruturas sociais e institucionais foram moldadas a partir deste “modelo civilizacional”, fortemente enraizado em *estruturas patriarcais*¹ e *racistas*², cabe-nos pontuar nossa *perspectiva contra-colonial*³, dentro do que nos for cabível (práticas de preservação autônomas, intuitivas, tradicionais e resilientes), e o desejo de descolonizar-nos, atentando às necessidades de releituras (revisões históricas), pluralização das continuidades (metodologias de preservação de memórias e patrimônios), rupturas (de processos colonialistas, elitistas, machistas e racistas) e construção de novas realidades museológicas.

Demarcamos, deste modo, que não há neutralidade nas práticas de preservação patrimonial, que na perspectiva museológica envolve processos identificados como:

¹ Patriarcado - sistema social em que predominam relações sociais em que os homens mantêm o poder/domínio familiar, social, moral, político e econômico.

² Racismo - sistema social que se estrutura a partir da crença na existência de diferentes raças (para a espécie humana) e na superioridade de umas sobre outras, em que se consolidam preconceitos, estereótipos e discriminações a grupos sociais com base em seu fenótipo (conjunto de traços, dentre eles a cor da pele), cultura ou comportamento social.

³ Contra-colonial - conceito criado por Nêgo Bispo (SANTOS, 2015) para se referir aos “[...]processos de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico” (p.20), “[...] processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (p.48). Sua análise tem como foco as comunidades formadas por povos originários das Américas (indígenas) e os povos que vieram da África (sequestrados e escravizados), e seus descendentes.

- *Museologia hegemônica*⁴: identificação-preservação-difusão de patrimônios e memórias ligados a uma *elite eugenista*⁵ e *heterocisnormativa*⁶;
- Museologias plurais (afirmativas, decoloniais, *antirracistas*⁷, comunitárias etc.): iluminação-cuidado-visibilização, escuta, vivência, apreciação, divulgação, sensibilização e corresponsabilização pela valorização e difusão de patrimônios de diferentes povos e grupos sociais;

Para além dos referenciais teóricos já consolidados e reproduzidos demasiadamente, embora muitos deles não vivenciados e/ou refletidos, torna-se necessária a ampliação de referências (conhecimentos práticos e teóricos, orais e escritos, tradicionais e contemporâneos, cotidianos e acadêmicos) e a necessidade da confirmação/conformação de outras *epistemologias*⁸, capazes de oxigenar e trazer perspectivas diversas, umas tantas mais envolventes, atraentes e *afretivas*⁹, como as museologias afirmativas, que demonstram cenários demarcados por *encruzilhadas*¹⁰ *museológicas* que permitem a amplificação das vozes e visibilidade de existências plurais e a exigência por direitos.

Desse modo, a pluralização da Museologia (indígena, afro-brasileira, LGBT, de gênero, das encruzilhadas etc.) revela a [re]existência e resistência de sujeitos e reforçam o aspecto social desse campo do conhecimento que se afirma como ciência humana aplicada, e lança luz a elementos diversos (de modo algum novos) para repensarmos os encontros enfatizados pelos campos cultural e museológico.

Desejamos que aproveite e tenha uma ótima formação!



⁴ Museologia hegemônica - Tradições museológicas que se sobrepõem, invisibilizam e desconsideram formas diversas de preservação de diferentes tipologias de museus, e limitadas à representação e preservação de bens culturais relacionados às classes abastadas, à branquidade, ao patriarcado, aos sujeitos cisgêneros... à normatividade, que criam aparatos simbólicos que reforçam a ideia de superioridade destes grupos sociais.

⁵ Eugenia - termo que significa "bem nascido", criado em 1883 pelo antropólogo inglês Francis Galton. A partir dele foi criado um movimento que defendeu o controle social por meio de um conjunto de teorias pseudo-científicas e práticas que visavam a melhoria das características genéticas de uma população, e a consequente eliminação de grupos "indesejáveis" (racializados) e impedimentos à sua reprodução.

⁶ Heterocisnormativo - grupo social baseado nos padrões binários de sexualidade (heterossexualidade) e identidade de gênero (feminino e masculino).

⁷ Antirracismo - Posicionamento e atuação social e política contra o ódio, o preconceito, a opressão, a exclusão e todas as formas de expressão contra grupos racializados (racismo).

⁸ Epistemologia - estudo crítico sobre a construção dos conhecimentos, suas fontes e formas de transmissão/aquisição.

⁹ Afreto: Neologismo que mescla os termos 'Afro' e 'Afeto'. Afro: tudo o que é típico do continente africano, que dele deriva (afro-diaspórico) ou nele se inspira; Afeto: sentimento de afeição ou impacto por algo (seres vivos e suas produções, ou seres não vivos, inanimados, e sua conformação estética, utilitária ou energética). Combinações e conexões que repercutem em ações antirracistas [Suzy Santos, nov. 2023].

¹⁰ Encruzilhada - lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos; lugar de encontro e conexão entre seres de diferentes espécies e dimensões (físicas e espirituais); ponto crítico que exige uma tomada de decisão; lugar onde se deixam as oferendas para Exu, orixá da comunicação entre o Orún (mundo espiritual) e o Àiyé (mundo terreno).

Acordos Prévios

A presente formação, coordenada pela educadora, historiadora, museóloga e gestora cultural Suzy Santos, destina-se a profissionais dos campos da educação, cultura, turismo e interessadas/os/es em geral em adquirir conhecimentos básicos sobre museologia e sobre o patrimônio cultural de Guarulhos.

O módulo curso está organizado a partir dos seguintes recursos didático-metodológicos:

- Apostila teórica contendo o material de leitura e o planejamento das 8 semanas de curso;
- Aulas expositivas, visita a museu e oficinas
- Material de estudo complementar: vídeos, artigos e outros materiais de referência

A frequência mínima de 80% é critério mínimo para que haja aproveitamento do curso e a devida certificação.

Além da presença e participação, o instrumento utilizado para a avaliação do envolvimento e desempenho dos estudantes será o feedback com autoavaliação.

Espera-se um ambiente respeitoso e dialógico para a realização da formação.

Programa

- Aula 1: Introdução à Museologia: do modelo colonial às estratégias contra-coloniais (03/08/2024)
- Aula 2. Museologia Social e Museologias Afirmativas (10/08/2024)
- Aula 3. Museografia: da curadoria à expografia (17/08/2024)
- Aula 4. Guarulhos e seus museus (24/08/2024)
- Aula 5. Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil (31/08/2024)
- Aula 8. Oficina: Acordando do 'coma colonial' (14/10/2024)
- Aula 6. Patrimônios e presenças afro-indígenas em Guarulhos (21/09/2024)
- Aula 8. Presença nordestina em Guarulhos e a ocupação recente da cidade (28/09/2024)



1. Introdução à Museologia: do modelo colonial às estratégias contra-coloniais

No transcorrer da aula, dialogaremos sobre o termo **Museologia** e suas conceituações ao longo do tempo, assim como questões teóricas e práticas relacionadas à ampliação de seu escopo.

De modo preliminar, cabe uma contextualização a respeito existência do Conselho Internacional de Museus (ICOM), organização internacional sem fins lucrativos criada em 1946, que mantém relações formais com a UNESCO (sediada junto à instituição, em Paris, França), executando parte de seu programa para museus, tendo *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU. Além dos afiliados (profissionais e instituições), o ICOM possui Comitês Nacionais (117), dos Comitês Internacionais (31) e das Organizações Regionais (15), que compõem seu Conselho Consultivo, formado por membros eleitos nas Assembleias que se realizam nas Conferências Gerais. Atualmente, o ICOM possui mais de 40.000 membros, provenientes de 141 países, e promove diversas atividades nacionais, regionais e internacionais: oficinas, publicações, programas de formação, intercâmbio e de promoção de museus (ICOM, 2024).

O ICOFOM (traduzido do inglês), Comitê Internacional de Museologia do ICOM, foi fundado em 1977 por iniciativa de Jan Jelínek (Tchecoslováquia), com o objetivo de promover a pesquisa e o pensamento teórico no mundo dos museus. Trata-se de um dos mais populares do ICOM, e mantém amplo debate sobre as terminologias associadas ao campo museológico.

Entre 2020 e 2022 o ICOM criou um comitê internacional que promoveu ampla discussão internacional acerca da **nova definição de Museu**. A metodologia utilizada contemplou etapas colaborativas que mobilizaram a comunidade museal em todo o mundo. De acordo com o ICOM Brasil, que concentrou as discussões no Brasil, foram registradas mais de 2.300 participações nas consultas públicas realizadas ao longo do processo.

A conceituação do termo **Museologia**, do mesmo modo, vem passando por diferentes conceituações ao longo do tempo, conforme veremos a seguir.

O que é Museologia?

De acordo com a publicação “Conceitos-Chave de Museologia” (2013, p.61-64),

“Etimologicamente, a museologia é “o estudo do museu” e não a sua prática – que remete à “museografia” –, mas tanto o termo, confirmado nesse sentido amplo ao longo dos anos 1950, como o seu derivado “museológico” – sobretudo em sua tradução literal em inglês (museumology e seu derivado museological) – apresentam cinco acepções bem distintas. 1. A primeira acepção, e a mais disseminada, visa a aplicar, muito amplamente, o termo “museologia” a **tudo aquilo que toca ao museu e que remete, geralmente, no dicionário, ao termo “museal”. Podemos, assim, falar em departamentos museológicos de uma biblioteca (a reserva técnica ou os gabinetes de numismática), e ainda de questões museológicas (relativas ao museu), etc. É, com frequência, essa a acepção que se adota nos países anglo-saxônicos e, igualmente, por influência, em alguns países latino-americanos. Assim, nos países onde não existe a profissão específica reconhecida – ao contrário do que se tem na França¹¹ com os *conservateurs*, e no Brasil com os museólogos – o termo “museólogo” pode se aplicar**

¹¹ Assim como em Portugal.

a toda profissão museal (como no caso de Quebec), e, em particular, aos consultores responsáveis por estabelecer um projeto de museu ou por realizar uma exposição. Essa acepção não é privilegiada na França, por exemplo¹². 2. A segunda acepção do termo é geralmente utilizada em grande parte do meio universitário ocidental e aproxima-se da etimologia do termo que remete ao **“estudo do museu”**. As definições mais correntemente utilizadas se aproximam daquela que foi proposta por Georges Henri Rivière: “Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu. Ela o estuda em sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitetura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia” (Rivière, 1981). A museologia opõe-se, de certo modo, à museografia, que designa o conjunto de práticas ligadas à museologia. Os meios anglo-americanos, geralmente reticentes face à invenção de novas “ciências”, costumam privilegiar a expressão *museum studies*, particularmente usada na Grã-Bretanha, onde o termo *museology* é, ainda atualmente, pouco empregado. É indispensável ressaltar que, de modo geral, apesar de o termo ter sido cada vez mais usado no mundo a partir dos anos 1950, ele permanece sendo muito pouco utilizado por aqueles que vivem o museu em seu “cotidiano”, permanecendo seu uso marginalizado àqueles que veem o museu do exterior. Essa acepção, muito disseminada entre os profissionais, passa a ser progressivamente imposta a partir dos anos 1960 nos países latinos, suplantando o termo “museografia”. 3. A partir dos anos 1960, nos países do Ocidente, a museologia passou a ser progressivamente considerada como um verdadeiro campo científico de investigação do real (uma ciência em formação) e como disciplina independente. Essa perspectiva, que influenciou amplamente o ICOM nos anos 1980-1990, apresenta a museologia como o **estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade, estudo no qual o museu, fenômeno determinado no tempo, constitui-se numa das materializações possíveis**. “A museologia é uma disciplina científica independente, específica, cujo objeto de estudo é uma atitude específica do Homem sobre a realidade, expressão dos sistemas mnemônicos, que se concretiza por diferentes formas museais ao longo da história. A museologia tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, e ela contribui à compreensão do homem no seio da sociedade” (Stránský, 1980). Essa abordagem particular, voluntariamente criticada (a vontade de impor a museologia como ciência e de cobrir todo o campo do patrimônio aparece, a muitos, como pretensiosa), não é menos fecunda que os questionamentos que ela pressupõe. Assim, decorre dessa perspectiva a noção de que o objeto de estudo da museologia não pode ser o museu, sendo ele uma criação relativamente recente na história da humanidade. Foi a partir desta constatação que foi progressivamente definido o conceito de “relação específica do homem com a realidade”, por vezes designada como “musealidade” (Waidacher, 1996). Assim, podemos definir, sob a perspectiva lançada inicialmente pela escola de Brno, em si preponderante, que a museologia, como “uma ciência que examina a relação específica do homem com a realidade, consiste na coleção e na conservação, consciente e sistemática, e na utilização científica, cultural e educativa de objetos inanimados, materiais e móveis (sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade” (Gregorová, 1980). De qualquer modo, a assimilação da museologia a uma ciência – ainda em formação – foi progressivamente abandonada, na medida em que nem o seu objeto e nem os seus métodos respondem verdadeiramente aos critérios epistemológicos de uma abordagem científica específica. 4. A **nova museologia** influenciou amplamente a museologia dos anos 1980, reunindo primeiro alguns teóricos franceses e, a partir de 1984, difundindo-se internacionalmente. Este movimento ideológico – baseado num número de precursores que, a partir de 1970, publicaram textos inovadores – **enfatizou a vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar**, ao mesmo tempo que chamou a atenção para **modos de expressão e de comunicação renovados**. **O seu interesse estava principalmente nos novos tipos de museus concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição central que ocupavam as coleções nesses últimos**: tratava-se dos ecomuseus, dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica

¹² No Brasil, a profissão específica de museólogo, com formação em graduação ou pós-graduação, é reconhecida e regulamentada.

e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local. O termo em inglês New Museology, que apareceu no final dos anos 1980 (Vergo, 1989) e se apresenta como um **discurso crítico sobre o papel social e político dos museus**, gerou certa confusão na difusão do vocábulo francês (pouco conhecido do público anglo-saxônico). 5. Enfim, a museologia, segundo uma **quinta acepção** aqui privilegiada por **englobar todas as outras**, inclui um campo muito vasto que compreende o **conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica ligadas ao campo museal**. O denominador comum desse campo poderia, em outros termos, ser designado por uma relação específica entre o homem e a realidade, caracterizada como a documentação do real pela apreensão sensível direta. Tal definição não rejeita, a priori, qualquer forma de museu, desde as mais antigas (Quiccheberg) até as mais recentes (museus virtuais), uma vez que ela tende a se interessar por um domínio voluntariamente aberto a qualquer experiência sobre o campo museal. Ela não se restringe, ainda, a qualquer um daqueles que reivindicam o título de museólogo. Convém enfatizar, com efeito, que certos protagonistas fizeram desse campo o seu domínio de predileção, ao ponto de se apresentarem como museólogos; outros, ligados a suas disciplinas de referência e abordando apenas pontualmente o domínio museal, preferem manter certa distância dos “museólogos”, exercendo ou tendo exercido uma influência fundamental no seio do desenvolvimento desse campo de estudos (Bourdieu, Baudrillard, Dagognet, Debray, Foucault, Haskell, McLuhan, Nora ou Pomian). As linhas diretrizes de um mapeamento para o campo museal podem ser traçadas em duas direções diferentes, seja pela referência às principais funções inerentes ao campo (documentação, indexação, apresentação ou ainda preservação, pesquisa, comunicação), seja considerando as diferentes disciplinas que o exploram mais ou menos pontualmente. É nessa última perspectiva que Bernard Deloche sugeriu definir a museologia como a **filosofia do museal**: “A museologia é uma filosofia do museal, investida de duas funções: (1) Serve de **metateoria à ciência documental intuitiva concreta**; (2) É também uma **ética reguladora de toda instituição** encarregada de gerar a função documental intuitiva concreta” (Deloche, 2001)”



2. Museologia Social e Museologias Afirmativas

Podemos compreender a Museologia Social como uma vertente desenvolvida a partir da Nova Museologia, movimento de renovação do campo museológico. Alguns autores/as/es defendem tratar-se de um fenômeno de ruptura, outros/as/es transformações necessárias ao saber museológico para que este mantenha sua relevância na sociedade contemporânea, se conecte e integre os conhecimentos produzidos pelas demais áreas do conhecimento, novas tecnologias, técnicas, referências e estratégias, e pelos conhecimentos produzidos em contextos não-acadêmicos, pelos movimentos sociais e no cotidiano. Nesse processo de mudanças, percebe-se uma variedade de patrimônios (materiais, imateriais, naturais etc.), redefinem-se e se ampliam objetos e objetivos museológicos, com foco para as tantas funções sociais que um museu pode ter, intervindo e transformando a realidade em prol de uma sociedade mais justa, equânime e com igualdade de direitos, em que pessoas e instituições se posicionem contra qualquer tipo de intolerância, preconceito, exclusão e violência que impeça o direito de existir de alguém de forma saudável.

Mário Chagas e Inês Gouveia (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p.16; CHAGAS, 2014), ao identificarem a persistência de práticas museológicas conservadoras e vinculadas a

concepções nazistas e fascistas¹³ discordam do argumento de que “toda museologia é social”, e reforçam o caráter militante da Museologia Social, considerando-a uma “museologia popular, ativa, crítica, engajada e dialógica, com compromissos políticos claros, como a redução das injustiças e desigualdades sociais, o combate a preconceitos, a melhoria da qualidade de vida coletiva, o fortalecimento da dignidade e da coesão social, a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu em favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas e dos movimentos sociais” .

A partir da demarcação desse posicionamento político, no âmbito da Museologia Social verificamos a existência de museologias que identificamos como “afirmativas”¹⁴, como a Museologia de Gênero, Museologia LGBT, Museologia Indígena, Museologia Afro-brasileira, Museologia das Encruzilhadas, Museologia Feminista entre outras.

As “museologias afirmativas” referem-se a diferentes tempos e espaços, baseiam-se em pesquisas diversas e desenvolvem-se a partir de pontos de vista e experiências próprios, respeitando os lugares de fala de cada grupo social organizado. Ou seja, representação, representatividade e protagonismo atuam conjuntamente. Por serem museologias “posicionadas”, orientadas por um compromisso político, enfrentam críticas e olhares desconfiados, contudo, questionáveis, pois ao nos debruçarmos sobre qualquer campo de conhecimento verificamos nitidamente a inexistência de neutralidade nas concepções filosóficas, políticas, sociológicas, assim como museológicas.

Neste módulo da formação, te convidamos a conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento das “museologias afirmativas” no Brasil.



3. Museografia: da curadoria à expografia

Conforme relatado na Aula 1, o termo “museografia” aparece pela primeira vez no século XVIII, na obra de Friedrich Neickel (1727), e é mais antigo que o termo “museologia”.

De acordo com a publicação “Conceitos-Chave de Museologia” (2013, p.58-60), o termo Museografia se apresenta em três acepções específicas na atualidade.

1. Dimensão aplicada da museologia - conjunto de técnicas/práticas desenvolvidas para a realização das funções museais (administração, salvaguarda - conservação preventiva, restauração e documentação e comunicação - exposição e educação)¹⁵;
2. Arte da exposição - engloba “a definição dos conteúdos da exposição e os seus imperativos, assim como o conjunto de relações funcionais entre os espaços de exposição e os outros espaços do museu” (p.59), devendo-se considerar a gestão de coleções, em seus aspectos científicos (documentação e pesquisa), técnicos e comunicacionais (segurança, conservação, expografia

¹³ Consideramos concepções nazistas e fascistas aquelas que defendem a eugenia, a xenofobia, o racismo, a desigualdade entre os seres humanos, a intolerância e violência contra as consideradas minorias étnicas, culturais, sociais, de gênero, religiosas, políticas etc., a misoginia, o machismo, o androcentrismo, o ufanismo, o totalitarismo e o militarismo.

¹⁴ Em conexão com as ações afirmativas, políticas públicas de combate a discriminações (étnicas, raciais, de classe, gênero etc.).

¹⁵ Nos países anglo-americanos a expressão *museum practice* é mais comum.

e cenografia - técnicas de organização do espaço expositivo). Considera-se ainda a diversidade de públicos e suas expectativas, de modo a mobilizar técnicas de comunicação alinhadas à boa recepção das mensagens.

3. Por sua etimologia, a museografia designava o conteúdo de um museu, tendo sido concebida para facilitar a pesquisa das fontes documentais dos objetos para seu estudo sistemático. Essa acepção permaneceu ao longo de todo o século XIX e persiste ainda hoje em algumas línguas, particularmente na russa.

Deste modo, para que um museu possa cumprir sua função social, é necessário executar boas práticas de administração, salvaguarda (conservação preventiva, restauração, documentação e pesquisa) e comunicação (exposição, educação e publicações). Para que os museus tenham sistemas eficazes de produção e difusão de informações sobre os bens patrimoniais, é necessário que estruture um Sistema de Documentação Museológica (OLIVEIRA, 2018, p. 65) que conecte todas as áreas e processos, mantendo-as em comunicação constante.

De acordo com o Artigo 31 do Estatuto de Museus (2009), as ações de comunicação dos museus “constituem formas de se fazer conhecer os bens culturais incorporados ou depositados no museu, de forma a propiciar o acesso público”. Dentre essas ações, podemos considerar programas de comunicação (sinalização e materiais de divulgação - peças gráficas), programas de exposições (de longa duração, temporárias, itinerantes e virtuais), programas de acessibilidade (devem ser transversais e considerar pessoas diversas, com ou sem deficiência) e programas de publicações (catálogos, livros, livretos, materiais e jogos educativos etc.).

Ao elaborarmos um projeto museográfico, devemos considerar o planejamento de todos os espaços do museu (áreas administrativas, técnicas, funcionais e expositivas) e a sua melhor utilização, o propósito da instituição. Ou seja, exige um amplo estudo sobre a instituição ou processo museológico e sua ocupação espacial, e recursos (financeiros e tecnológicos) disponíveis para a salvaguarda dos acervos, segurança e experiências significativas de públicos e equipes. Sem esses itens a elaboração de um Plano de Necessidades se torna inviável. Em um segundo momento, deve-se pensar sobre as melhores técnicas e instrumentos/equipamentos/objetos multissensoriais/sinestésicos para a apresentação do acervo e de conceitos, considerando a diversidade de públicos e suas necessidades específicas.



4. Guarulhos e seus museus

Convidado: Júlio Bueno Rosa Neto, Graduado em Licenciatura em História pela EFLCH-UNIFESP e Mestrando em História pela PPGH-UNIFESP.



Crédito: Portal de Turismo da Prefeitura de Guarulhos, 2024.

Museu Histórico Municipal

Endereço: Rua dos Coqueiros, 74, Lago dos Patos, Vila Galvão

Horário: Terça-feira a domingo das 9h às 18h

Telefone: (11) 2408-9222

Entrada gratuita

“Fundado em 10 de Outubro de 1960 seu principal objetivo é incentivar estudos históricos e geográficos da cidade. Possui acervo com peças relacionadas à fundação da cidade, que vão desde instrumentos de precisão, tecelagem, arte sacra, utensílios domésticos, folclore e até instrumentos musicais.”



Crédito: Portal de Turismo da Prefeitura de Guarulhos, 2024.

Museu de Ciências Naturais

Endereço: Avenida Glória Pagnoncelli, 344 - Jardim Rosa de França - CEP 07081-120

Horário: Terça-feira a domingo das 9h às 17h

Telefone: (11) 2452-4558 / (11) 2475-9844

Entrada gratuita

“Criado pela lei nº 3.675/1990, o também conhecido como ‘Museu de Ciências Naturais Sylvio Ourique Fragoso’ conta com a exposição de peças vegetais, animais e minerais raros, em estados fósseis ou taxidermizados. Em destaque, pela sua importância histórica, abriga um espécime de anhuma taxidermizada. A anhuma é uma ave que existia em abundância no município de Guarulhos e vivia às margens do rio Tietê, tão comuns que levaram os índios a dar ao Tietê o nome de Anhembi (ou, melhor dizendo, de anhumby: rio das anhumas). No “Brasão de Guarulhos” existem duas anhumas ladeando o escudo de armas, que remete ao passado onde as aves habitavam na cidade em abundância.”



Crédito: Portal de Turismo da Prefeitura de Guarulhos, 2024.

Museu Aeronáutico de Guarulhos

Endereço: Base Aérea de São Paulo (BASP), Av. Monteiro Lobato, 6365 - Cumbica, Guarulhos - SP, 07184-000

Horário: Segunda a sexta-feira das 9h às 16h

Telefone: (11) 2465-2035 (Setor de Comunicação Social da BASP)

Visita mediante agendamento

Entrada gratuita.

Inaugurado em 5 de dezembro de 2002 como parte das comemorações dos 442 anos da fundação do município, fruto de uma parceria entre a Secretaria de Cultura de Guarulhos, a Fundação Santos Dumont e o comando da Base Aérea de São Paulo (BASP), está localizado na antiga estação Cumbica, do extinto Ramal de Guarulhos, hoje lavandeira. Em sua inauguração contou com a exposição "Invenção e Transcendência", com obras, pertences e objetos pessoais de Santos Dumont. O acervo do Museu possui réplicas dos mais importantes aviões criados por Santos Dumont, como o 14 Bis, de 1906, e o Demoiselle nº 21, de 1956, entre outros.



Visita mediada pela equipe do MCJV no campo do Jardim Vermelho.
Créditos: Gustavo Silva @legadophotos, 2021. Acervo MCJV.

Museu Comunitário do Jardim Vermelho

Endereço: Jardim Vermelho, Pimentas, Guarulhos - SP, 07210-360

Email: museucomunitario.jv@gmail.com / Instagram: @mcjv.vermelhao

Visita mediante agendamento

Gratuito para moradores da comunidade (visitantes: R\$5,00 para visitas com mediação).

O Museu Comunitário do Jardim Vermelho foi criado em julho de 2021, a partir do acervo e entrevistas coletadas para a realização do documentário e exposição "Revelando Guarulhos: Memórias do Jardim Vermelho" (2020). É gerido pelo Projeto Cultural Pimenteiros e Pimenteiras do Vermelho e conta com a parceria fundamental da Associação Comunitária do Jardim Vermelho, além de outros parceiros/as. Nossas ações museológicas objetivam a

valorização das memórias, histórias e patrimônios dessa comunidade tão valente, além de contribuir com a melhoria da qualidade de vida de seus moradores/as, e buscam envolver a comunidade em ações de pesquisa, registro e divulgação dessas referências patrimoniais mencionadas, inspirados/as/es pelos conceitos e estratégias da museologia social, e dessa forma contribuir com o envolvimento de seus moradores de diferentes gerações em ações de melhoria para o nosso bairro.



Fonte: Fanpage Era Virtual - Museu Guarulhos. Facebook, 2024.

Era Virtual Museu Guarulhos

Projeto idealizado pela ONG Eco Social Água Azul e contemplado pela Lei Aldir Blanc

<https://www.eravirtualmuseugarulhos.com.br/>

<https://www.facebook.com/museuvirtualguarulhos>

O projeto Era Virtual Museu Guarulhos, desenvolvido em 2021, teve como objetivo apresentar o município virtualmente, em um site com narrativas sobre sua história desde a formação geológica e natural, passando pelos períodos colonial, imperial, republicano até os dias atuais. Contou com atividades online gratuitas, como cursos, rodas de conversa, museu itinerante com exposições em vários pontos da cidade, e promoveu circuitos históricos Caminhos do Ouro e Colinas Serras e Águas, passando por áreas com potencial turístico e histórico, importantes e com grandes revelações do passado da cidade. O site teve tradução para o espanhol e o inglês.

Além de dialogar sobre os museus existentes em Guarulhos, nesta aula nos debruçaremos sobre as políticas públicas culturais para a área de museus.

No âmbito federal, destaca-se a criação do Instituto Brasileiro de Museus, criado por meio da Lei nº 11.906/2009 com o objetivo de desenvolver a Política Nacional de Museus (programas e projetos voltados à organização, gestão e desenvolvimento dos museus brasileiros).

No âmbito estadual, destaca-se a criação do Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP), criado em 1986, que atua no âmbito da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM), cuja estruturação atual é de 2006. Enquanto o SISEM-SP dedica-se à elaboração de políticas públicas para os museus do Estado de São Paulo, a UPPM se dedica ao acompanhamento dos contratos de gestão dos museus vinculados à Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativa (SCEIC), contando ainda com o Grupo Técnico de Preservação do Patrimônio Museológico (GPPM) em seu âmbito.

Embora o organograma da Secretaria da Cultura de Guarulhos conte com uma Seção Administrativa de Patrimônio Histórico, Arquivos e Museus, vinculada ao Departamento de Atividades Culturais, da Divisão Administrativa de Atividades

Culturais, e o Plano Municipal de Cultura (elaborado com a participação da sociedade civil em 5 Conferências Municipais de Cultura, realizadas entre 2017 e 2019, e publicado em 2020) apresente como meta o “Fortalecimento dos espaços museológicos para gestão e difusão dos acervos e bens culturais” (meta 13) e a “Formulação e implantação de uma política integrada de gestão e difusão de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, respeitando suas especificidades” (meta 14), atualmente inexitem políticas públicas voltadas aos museus municipais.

Entende-se, deste modo, a importância do desenvolvimento de uma sociedade que reconheça a importância dos museus e cobre do poder público políticas públicas de preservação de patrimônios museológicos locais.

Legislações da Área Museológica:

- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988 - Artigos 215 e 216 - Proteção aos bens culturais e a obrigação do Estado em promover a cultura como forma de desenvolvimento sustentável da sociedade
- LEI Nº 7.287/1984 - Regulamentação da profissão de museólogo
- LEI Nº 9905/1998 – Sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente
- LEI Nº 11.904/2009 - Estatuto de Museus
- LEI Nº 11.906/2009 - Cria o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)
- LEI Nº 12.840/2013 - Dispõe sobre a destinação dos bens de valor cultural, artístico ou histórico aos museus
- RESOLUÇÃO NORMATIVA IBRAM Nº 1/2014 - Normatiza o Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados

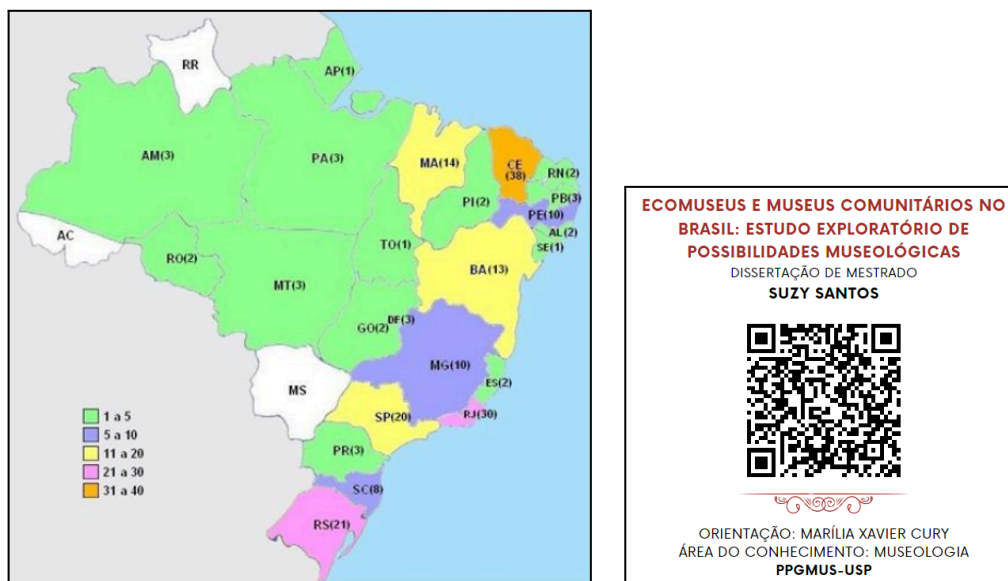


5. Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil

Após a década de 1980, em consonância com os processos de redemocratização do Brasil, após anos de governo ditatorial militar, para além da pressão de diversos/as/es profissionais e grupos sociais para a democratização das instituições políticas, culturais, educacionais e também museais, e diversas transformações em processo no campo da museologia nacional e internacional, “emergem novas iniciativas, denominadas majoritariamente ecomuseus e museus comunitários, que objetivam, através de curadorias coletivas e da promoção de práticas ativas, populares, participativas, comunitárias e experimentais, a valorização, preservação e difusão dos patrimônios naturais e culturais, em suas dimensões material e imaterial, de territórios diversos, garantindo que esses museus atuem como espaços de representação social e promovam, a partir da contextualização dos patrimônios locais, a compreensão, o questionamento, a conscientização e a transformação de realidades desiguais e injustas, e contribuindo com o desenvolvimento dos territórios e povos que neles habitam” (SANTOS, 2022).

A relação de iniciativas museológicas como museus comunitários, ecomuseus e afins é extensa, e compreender as formas de desenvolvimento dessa tipologia de museus no contexto brasileiro nos ajuda a diversificar o próprio repertório, representação e participação social nos museus institucionais, públicos ou privados, que buscado se descolonizar. A pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas” (SANTOS, 2017), reuniu dados coletados

entre 2013 e 2017 e é ilustrativa nesse sentido: mapeou 196 museus comunitários e/ou ecomuseus em todo o Brasil.



Cartografia dos Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil. Data base: 2017. SANTOS, 2022.

De 2017 para cá muitas outras comunidades identificaram seus métodos de preservação patrimonial como estratégias museológicas, se aproximaram das premissas e metodologias da museologia social, compreenderam os museus e a museologia como ferramentas que podem contribuir com a visibilidade de suas ações patrimoniais e para a preservação de patrimônios locais e plurais, e diversas novas iniciativas foram criadas, inclusive no território guarulhense, o que evidencia outras possibilidades para o desenvolvimento e a valorização das culturas locais do presente e de territórios diversos, para além do centro expandido, ou “da ponte pra cá”, como diriam os Racionais MC’s. Sua potencialização é importante inclusive para a dinamização do turismo no município, visto que por Guarulhos transita uma série de pessoas em razão de alocar um aeroporto internacional. Contribuir com a visibilidade de suas comunidades pode contribuir para a sustentabilidade local, em diversos aspectos, abarcando várias estruturas municipais e investimento de setores como a indústria e o comércio.

Vamos conhecer um pouco mais dessas iniciativas existentes em todo o Brasil?



6. Oficina: Acordando do ‘coma colonial’

A oficina “Acordando do coma colonial” tem como inspiração a obra “Coma Colonial” de Gustavo Caboco, composta por 15 bandeiras vermelhas produzidas por ele e sua mãe, Lucilene Wapichana. “Trata-se de um diálogo com um sono profundo da nossa história, nossa história Wapichana, e da história indígena brasileira. Dos apagamentos. Esta provocação evoca uma série de questões: estamos em diálogo? Quais histórias indígenas estão em nosso entorno? É possível plantar o corpo? Coma colonial. Que histórias sobre território, fronteiras e as diásporas dos povos indígenas em contexto de deslocamento atravessam o tempo presente? Vamos acordar deste coma colonial. Gustavo Caboco, 2021.”

Inspirem-se:



Gustavo Caboco. Wapichana povo forte: Pé de caimbé, baraaz kawau, pedras sobre livro-objeto, bordado "Chama-chamado", nicho de madeira e vidro, 80 x 80 x 80 cm, 2022. Crédito: Ana Pigosso



Abdias Nascimento. Teogonia afro-brasileira n.2: Iansã, Obatalá, Oxum, Oxossi, Yemanjá, Ogum, Ossaim, Xangô, Exu, 1972. Acrílica sobre tela, 102x152 cm. Acervo Ipeafro, Rio de Janeiro. Crédito: Raul/Estadão.



7. Patrimônios e presenças afro-indígenas em Guarulhos

Convidadas/os: Deise Wassu e Ibyrassu Maximo Wassu - Povo Wassu-Cocal - Reserva Indígena Filhos Desta Terra (Guarulhos/SP).

Nas últimas décadas, em razão do engajamento do movimento indígena e do movimento negro, ocorreram muitas transformações sociais, em favor da democratização dos espaços políticos, formativos, laborais e culturais, onde em se ampliado a representação de segmentos sociais inviabilizados pela história oficial brasileira, especialmente indígenas e negros.

Sempre houve, em território brasileiro, resistência aos processos de invasão de territórios ocupados por povos tradicionais, à escravização, colonização de corpos, mentes, expressões de fé e até de paladares, e muita luta pela garantia de direitos, ao mesmo tempo em que sempre houve variados modos de desfavorecer essas populações, num esforço para que fossem mantidas as estruturas patriarcais mesmo em novos contextos.

Em razão da continuidade das desigualdades, e em consonância a pressão social para a redemocratização do país, os movimentos indígena e negro se fortalecem principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980. Sua presença nas discussões para a construção de uma nova Constituição foi marcante, como demonstram discursos proferidos por Ailton Krenak (líder indígena da etnia Krenak, ambientalista, filósofo, poeta e escritor) e Abdias Nascimento (militante, artista plástico, escritor, professor, dramaturgo, gestor público, deputado federal, senador), por exemplo.

O discurso histórico “enlutado” de Ailton Krenak foi um ato decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232 (Cap. VIII - Dos índios) da Constituição Federal de 1988 pelos parlamentares, que reconhecem a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam (devendo a União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar).

Já o discurso proferido por Abdias Nascimento evidencia a persistência do racismo, ainda presente no cotidiano brasileiro contemporâneo, expresso de diversas maneiras e que impede ou dificulta a manutenção de modos de vida tradicionais e/ou ascensão socioeconômica da população negra.



Ailton Krenak, após pintar o rosto com pasta de jenipapo, em discurso em prol dos direitos dos povos indígenas na Assembleia Constituinte de 1987;
Senador Abdias Nascimento denuncia, em plenário em 1998, denúncia e persistência do racismo no Brasil.

Apesar dos avanços e da aprovação da Constituição da República Federativa do Brasil, que em muitos de seus artigos garante a vida, a dignidade e a preservação cultural dos grupos sociais indígenas e negros, e de leis complementares como a lei 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena (adicionada pela lei mais recente), e a lei 12.711/12, conhecida como Lei de Cotas para o Ensino Superior, ainda é necessário muito avanço para uma verdadeira equidade na sociedade brasileira. As políticas afirmativas se mostram importantes em diversos sentidos, assim como a criação de instâncias governamentais em níveis municipal, estadual e federal (poder executivo) que dêem conta da elaboração de políticas públicas que alcancem os grupos sociais menos favorecidos.

O Censo/IBGE de 2022 aponta que Guarulhos possui uma população de 1.291.784,00 pessoas, sendo o 13º município mais populoso do país e o 2º mais populoso do estado de São Paulo. Segundo o Censo, 48,6% das pessoas habitantes da cidade se

consideram brancas; 40,8% pardas; 9,5% pretas; 0,9% amarelos; 0,1% indígenas; e 0,1 não declararam.

Os dados revelam que houve um avanço de 15% na população indígena local desde 2010. População representada por 14 povos: Pankararé, Pankararú, Wassu Cocal, Tupi, Kaimbé, Guarani, Geripanko, Guajajara, Xavante, Pataxó, Tupinambá de Olivença, Xucuru, Terena e Tabajara.

Quanto à população negra, considerando-se a somatória entre pretos e pardos, correspondem a 50,3% da população guarulhense. Com a ampliação das discussões sobre a questão racial ocorrida nos últimos anos, especialmente com as mobilizações após o assassinato de George Floyd em 2020 nos Estados Unidos, a criação do movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), a criação de diversos perfis nas redes sociais sobre identidade negra, entre outras ações, é notável o impacto nos processos de reconhecimento identitário e autodeclaração.

Deste modo, torna-se imprescindível a realização de pesquisas no município para ampliar as especificidades sobre os indicadores levantados para a elaboração de políticas públicas antirracistas e de combate às desigualdades, além da garantia de presença de pessoas com estes perfis nas instituições públicas e privadas Guarulhenses, especialmente em cargos de gestão.

Algumas instâncias governamentais importantes:

Instâncias Federais:

- Ministério da Igualdade Racial - criado em 2003 (Ministra Anielle Franco)
- Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania - criado em 2023 (Ministro Silvio Almeida)
- Ministério dos Povos Indígenas - criado em 2023 (Ministra Sônia Guajajara)
- Ministério da Justiça e Segurança Pública - criado em 1822 (Ministro Ricardo Lewandowski)
 - Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) - criada em 1967 (Presidenta Joenia Wapichana)
- Ministério da Cultura (Ministra Margareth Menezes)
 - Fundação Cultural Palmares - criada em 1988 (Presidente João Jorge Rodrigues)

Instâncias Estaduais:

- Secretaria de Justiça e Cidadania (Secretário Fábio Prieto) - criada em 1869
 - Coordenação de Políticas para a População Negra e Indígena (CPPNI) (Coordenador Robson Silva Ferreira)
 - Comissão Especial de Discriminação Racial
 - Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (CPDCN)
 - Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPISP)
- Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Secretário Guilherme Piai Filizzola)
 - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo – “José Gomes da Silva” – (ITESP) - criado em 1827

Instâncias Municipais:

- Secretaria de Direitos Humanos (Secretário Felipe Marques de Mendonça)
 - Subsecretaria da Igualdade Racial - SDHSIR (Subsecretária Andreia de Andrade) - criada em 2017

- Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Guarulhos (Compir) - criado em 2009 (Lei Municipal nº 6.603 de 10/12/2009)

O que ocorreu com as populações indígenas “guarulhenses” entre as “expedições de apresamento”, a criação do aldeamento de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos e as inúmeras revoltas ocorridas na região de Guarulhos entre os séculos XVII e XVIII, e a criação da Aldeia Multiétnica Filhos Desta Terra, nas últimas décadas?

Dados e informações sobre as populações indígenas e negras Guarulhenses durante o período colonial podem ser observados em diversos documentos históricos pertencentes à igreja, às famílias escravocratas, à gestão pública do período ou mesmo na imprensa local. Se torna imprescindível a realização de pesquisas históricas, antropológicas, museológicas, artísticas, entre outras, que aprofundem e direcionem outros olhares e métodos de análise sobre estes acervos, agregando-lhes saberes envolvendo outras perspectivas para ampliarmos o conhecimento sobre essas presenças em diferentes tempos e espaços.

A cultura material presente nos territórios ocupados por essas populações também nos dão pistas importantes para que “demarcemos” simbolicamente suas presenças ao longo do tempo.



Índio Guarú, obra do artista Osvaldo Alves. Ano da fotografia: 2016.
Acervo: AAPAH/Bruno Leite de Carvalho.



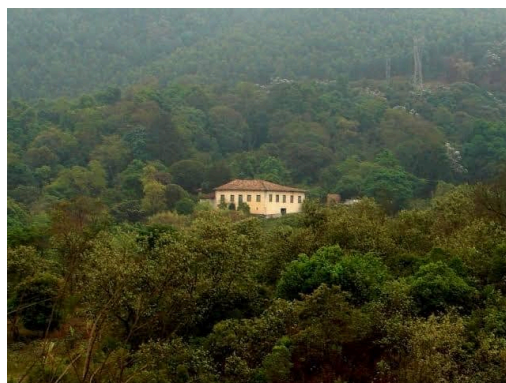
Acervo do Museu Histórico de Guarulhos. S/d.
Registro: Barbara Silva.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Guarulhos. Autoria desconhecida.
Cerca de 1900. Acervo: Arquivo Histórico Municipal Araci Borges.
Marcação da representação da Antiga Igreja dos Homens Pretos.



Roteiro “Marcos decoloniais de resistência em Guarulhos”, junho 2023.
Acervo: AAPAH/Bruno Leite de Carvalho.



Casa da Candinha - antiga “casa-sede” da Fazenda Bananal.
Acervo: Arquivo Histórico Municipal Araci Borges, s/d.

Casa da Candinha (Sítio da Candinha)

Endereço: Bairro do Bananal

O Parque Natural Municipal da Cultura Negra – Sítio da Candinha, foi criado pela Lei Municipal nº 6.475/2008. A casa sede da Fazenda do Bananal é uma das construções mais antigas de Guarulhos, construída no início do século XIX. Sua estrutura mais antiga foi construída em taipa de pilão, mas há também construções mais recentes, em tijolo de barro. A propriedade foi adquirida pelo bandeirante Amador Bueno da Veiga em 1717, por meio de carta de sesmaria concedida por D. Pedro de Almeida (governador da capitania de São Paulo e Minas do Ouro, Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos, 3º governador da Capitania de São Paulo e

Minas de Ouro. A casa da família de Dona Maria Cândida Barbosa (1902-1970) compõe o cenário do ciclo do ouro de Guarulhos, situado nas proximidades do Campo do Ouro. Contudo, a propriedade ficou conhecida como Casa ou Sítio da Candinha no século XX, devido à administração da fazenda (que tinha atividades agrícolas e criação de animais) por D. Candinha após a viuvez, em 1932. O decreto nº 22787/2004 declarou a área de utilidade pública para fins de criação de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, o do Parque Natural Municipal da Cultura Negra Sítio da Candinha, com o objetivo a preservar o patrimônio histórico, arquitetônico e cultural, a conservação da biodiversidade e a garantia da manutenção dos serviços da biosfera.



As pessoas convidadas para a aula de hoje compartilharão conosco um pouco de suas trajetórias e ações coletivas em prol da preservação das memórias e patrimônios indígenas em Guarulhos.



Visita de grupo à Aldeia Multiétnica Filhos Desta Terra. Créditos: @filhosdestaterra

Aldeia Multiétnica Filhos Desta Terra

Website: <https://aldeiafilhosdessaterra.comunidades.net/>

Instagram: @filhosdestaterra



8. Presença nordestina em Guarulhos e a ocupação recente da cidade

Convidadas/os: Representantes do grupo Capoeira ECE Brasil (Mestre Dinho Caruaru).

Estima-se que 400.000 das 1.291.771 (IBGE, 2023) pessoas que formam a população Guarulhense na atualidade seja nordestina, entre imigrantes e seus descendentes, o que torna a cidade a casa da *segunda maior comunidade nordestina do estado*, ficando atrás apenas da capital. Ou seja, trata-se de importante grupo populacional de Guarulhos, cujos saberes, tradições, patrimônios e memórias se expressam no cotidiano da cidade. Deste modo, considera-se importante evidenciar a presença e fomentar a cultura nordestina na cidade, além de expressá-la em seus espaços de representação.

Forró, cordel, xilogravura, festas juninas, capoeira, falares, poesias e tantas outras formas de expressão dessa cultura estão presentes no dia a dia de Guarulhos. E você, é nordestina/o/e ou de família nordestina? Quais suas origens? Ou de que modo se conectou com a cultura nordestina em Guarulhos?

Numa perspectiva menos romântica, observa-se que as favelas de Guarulhos (territórios ocupados por populações de baixa renda) são ocupadas principalmente por pessoas de origem nordestina, muitas delas negras. Desse modo, há um recorte étnico e racial na ocupação da cidade, o que torna imprescindível, além das políticas públicas culturais, políticas habitacionais e de infraestrutura que contribuam com as melhorias destes territórios e criem oportunidade de moradia digna a essas cidadãs e cidadãos, além de outros direitos sociais básicos, como saúde e educação de qualidade.

Após a reunião dos grupos indígenas da região em aldeamentos, objetivando sua “redução” (étnica) e miscigenação, para além da presença da população portuguesa e africana em Guarulhos, e seus descendentes (miscigenados com a população indígena), nos períodos colonial (1500-1822) e imperial (1822-1889), nota-se no período republicano (1889 a atual) que, após um fluxo inicial da instalação de imigrantes (italianos, japoneses, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses e alemães) no município, nas primeiras décadas do século XX, a partir da década de 1950, com o avanço do processo de industrialização da cidade, mas principalmente nas décadas de 1960 e 1970, a presença de migrantes nordestinos aumentou consideravelmente, o que alimentou o chão de fábrica de muitas indústrias que se instalaram nos arredores da Rodovia Presidente Dutra, além de sua própria construção. A partir da década de 1980 os setores do comércio e prestação de serviços se expandem, e em meados da década instala-se o Aeroporto Internacional em Cumbica. Toda essa movimentação provoca intensos fluxos migratórios para o município e, em decorrência da ausência ou insuficiência de políticas habitacionais, ocorre a ocupação de algumas regiões sem planejamento urbano, originando as primeiras favelas. Recentemente nota-se, além das migrações de populações de outras regiões do Brasil, especialmente nordeste (e de grupos étnicos, como indígenas), a presença de imigrantes bolivianos, venezuelanos, haitianos e paraguaios.



Grupo Capoeira ECE Brasil durante o 2º Cortejo de Preservação das Culturas Populares e Afro-brasileiras. Praça Eduardo Tadeu Mudalen (Praça do Stella, Pimentas), fev. 2020.
Acervo: Capoeira ECE Brasil/Legado Photos.

O encontro contemplará com uma visita ao Museu Comunitário do Jardim Vermelhão e bate-papo com o grupo Capoeira ECE Brasil.



Bibliografia do curso e indicação de leituras

BARRETO, Marcus Vinícius R. A Jurema entre Guarulhos e Recife: os usos políticos da cultura. 112 f. Guarulhos: Dissertação de Mestrado, Programa De Pós-Graduação em Ciências Sociais, UNIFESP, 2015.

BORGES, Augusto César Maurício; Omar, Elmi El Hage (Orgs.). Signos e significados em Guarulhos: identidade, urbanização, exclusão. São Paulo: Navegar, 2014.

BRITTO, Clovis Carvalho; AGUIAR, Fernando José Ferreira; AGUIAR, Janaina Couto Teixeira Maia de. Encruzilhadas museológicas: ressonâncias da presença/ausência de Exu no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 27, p. 1-29, 2019.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado de São Paulo, 2010.

CAMPOS, Aline Santos; AMARAL, Elizama do. Arquitetura Afro-brasileira: análise da cultura para a arquitetura na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Guarulhos/SP). Semana do Conhecimento 2022: XI SEMCITEC: <https://sdc.guarulhos.sp.gov.br/index.php/SDC/article/view/636/638>. Acesso: 25.02.2024.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ : Vozes, 2016. Vários autores. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/publicacoes/psicologia_social_do_racismo_-_estudos_sobre_branquitude_e_branqueamento_no_brasil_-_iray_carone_by_iray_carone_z-lib.org_.pdf. Acesso: 21.02.2024.

CHAGAS, Mário de Souza. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó/SC: Argos, 2015, 139 p. (Debates, 15).

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo / ECA-USP, São Paulo, 2005.

_____. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso: 20.02.2024.

Discurso de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte de 1987. Facebook Memorial da Resistência, 6 set. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/memorialdaresistencia/p/videos/discurso-de-ailton-krenak-na-assembleia-constituente-de-1987/823775168990193/>. Acesso: 22.02.2024.

Em 1998, senador Abdias Nascimento denuncia persistência do racismo no Brasil. Youtube Senado Federal, 6 mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pwmibmGStPE&t=159s>. Acesso: 22.02.2024.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia. Caderno de Ensaios, n.2. Rio de Janeiro Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65 a 74.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. Museus, dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005. POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GAMA, Nilton César de Oliveira. O processo de conformação da periferia urbana no município de Guarulhos: os loteamentos periféricos como (re)produção de novas espacialidades e lugar de reprodução da força de trabalho. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Acesso: 06.05.2019.

IBRAM. Legislação sobre museus [recurso eletrônico]: Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), e legislação correlata. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. – (Série legislação; n. 268 PDF). Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/legislacao_museus_3ed.pdf. Acesso: 20.02.2024.

MATOS, Fernanda C. Lazer nos Pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro “periférico”. *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1816>. Acesso: 28.02.2024.

MOREIRA, Camila. Branquitude é Branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. *Revista da ABPN*, vol. 6, n. 13, mar.-jun. 2014, p. 73-87. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/151/148>. Acesso: 28.02.2024.

Museu Aeronáutico será inaugurado na Base Aérea nesta quinta-feira. Associação Comercial e Empresarial de Guarulhos, 04 dez. 2002. Disponível em: <https://www.aceguarulhos.com.br/blog/museu-aeron%C3%A1utico-ser%C3%A1-inaugurado-na-base-a%C3%A9rea-nesta-quinta-feira/#gsc.tab=0>. Acesso: 28.02.2024.

Museu da Aeronáutica é fechado sem aviso prévio. Associação Comercial e Empresarial de Guarulhos, 11 ago. 2008. Disponível em: <https://www.aceguarulhos.com.br/blog/museu-da-aeron%C3%A1utica-%C3%A9-fechado-sem-aviso-pr%C3%A9vio/#gsc.tab=0>. Acesso: 28.02.2024.

OLIVEIRA, Amanda de Almeida. O Sistema de Documentação Museológica como Suporte para a Comunicação com o Público: a cadeirinha de arruar do Museu de Arte da Bahia. 111 f. Salvador: Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Museologia), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

PESAVENTO, Sandra. Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

PLENS, Cláudia R. Lugares de religião de matriz africana no território de Guarulhos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia das USP*. São Paulo: MAE-USP, 26: 151-162, 2016.

_____. *Objetos, Paisagens e Patrimônio: Arqueologia do Colonialismo e as Pessoas de Guarulhos*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia das USP. São Paulo: Annablume/FAPESP/LEA, 2017.

PREFEITURA de Guarulhos. Inventário Casa da Candinha, 2018. Disponível em: https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/patrimonios_historicos/INVENT%C3%81RIO%20CASA%20DA%20CANDINHA.pdf. Acesso: 29.02.2024.

_____. Plano Municipal de Cultura. Disponível em: https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/2021-04/Plano_Municipal_de_Cultura%20%281%29.pdf. Acesso: 29.02.2024.

_____. Reconhecer as Diferenças, Superar a Intolerância, Promover a Diversidade. Conselho de Igualdade Racial. Disponível em: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/Combate%20%C3%A0%20Intelor%C3%A2ncia%20Religiosa.pdf>. Acesso: 29.02.2024.

ROSA NETO, Júlio Bueno. A escrita da história no Museu Histórico Municipal de Guarulhos. In: UNESP. Ensaios de História. Franca/SP: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Unesp Franca, p.177-203, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SANTOS, Carlos José Ferreira. Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos-SP. São Paulo: Annablume, 2006.

SANTOS, Plínio Soares dos. A transformação da estrutura urbana na cidade de Guarulhos e a constituição de uma nova centralidade no bairro dos Pimentas. São Paulo: FMU, 2016. Disponível em: <http://arquivo.fmu.br/prodisc/mestradopgeu/ppgeu-pss.pdf>>. Acesso: 06.05.2019.

SANTOS, Suzy S. Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas. 2017. 724f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/pt-br.php>. Acesso: 20.11.2023.

_____. Museus indígenas e a construção de museologias afirmativas. In: CURY, Marília Xavier (org.). Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: Museu Índia Vanuïre, 2020. 248 p. (Coleção Museu Aberto). Disponível em: <https://museuindiavanuire.org.br/wp-content/uploads/2020/10/EPQIM1-2020.pdf>. Acesso: 22.02.2024.

_____. Os Museus que queremos - Integrais, integrados, comunitários... são várias as possibilidades e os desafios da museologia contemporânea. Revista Comunicação & Memória, nº 06, 2022. Disponível em: <https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/post?id=156>. Acesso: 25.02.2024.

SEADE. Retratos de São Paulo: População: Guarulhos. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?temald=1&indld=5&loclid=3518800&busca=>. Acesso: 10.03.2024.

SISEM-SP (Org.). Museus: o que são, para que servem? São Paulo: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

_____. Documento de Orientação - Antirracismo em Museus. São Paulo, dez. 2024. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/12/antirracismo-sonhar-o-mundo-sisemsp-doc.pdf>. Acesso em: 25.02.2024.

VILARDAGA, José Carlos. Terras, ouro e cativo: a ocupação do aldeamento dos Guarulhos nos séculos XVI e XVII. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, nº 26 p. 42-61, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/119010/116401>. Acesso em: 28.02.2024.

Websites:

Aldeia Multiétnica Filhos Dessa Terra:
<https://aldeiafilhosdessa terra.comunidades.net/historia-da-aldeia-filhos-dessa-terra>

Associação Amigos do Arquivo e Patrimônio Histórico de Guarulhos (AAPAH):
<https://aapah.org.br/>

Conselho de Igualdade Racial de Guarulhos:
<https://www.guarulhos.sp.gov.br/conselho-igualdade-racial>

Conselho Internacional de Museus: http://www.icom.org.br/?page_id=2781

Instituto Brasileiro de Museus: <https://www.gov.br/museus/pt-br>

Millan Galeria - Gustavo Caboco: <https://millan.art/artistas/gustavo-caboco/>

Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Guarulhos:
<https://turismo.guarulhos.sp.gov.br/content/museus>

Sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo: www.sisemsp.org.br/

Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico:
<https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/unidades-gestoras-da-sec-sp/>

